

Pânico. Confusão. A filha não sabia se deixava o corpo da genitora, que mal sustinha na cozinha, ou se vinha para a rua pedir socorro. Apareceram então algumas pessoas amigas, vizinhas, que se encarregaram do amparo moral e das primeiras providências. Com a situação acomodada, Cleone buscou contato telefônico com o Chico, fazendo-o diretamente para a Fazenda Modêlo, a dois quilômetros daquela cidade onde o médium trabalhava.

Atendida a ligação pelo psicógrafo, embargada, a moça do lado de cá, disse-lhe numa quase exclamação:

— Ah, Chico! — e elle, do outro lado da linha:

— Cleone, você quer me dizer que a nossa mamãe Talina partiu, não é?

E para perplexidade dela, continuou dizendo:

— Na reunião de sexta-feira, quando se revezavam os oradores no comentário da noite, ao me desdobrar, registrei, porvidência, quando seu pai se aproximou e dando pancadinhas nas costas de mamãe Talina me disse: — “Chico, eu estou muito satisfeito porque dentro de uma semana a minha costelinha vem para o lado de cá!” O nosso Emmanuel e outras entidades lúcidas têm várias vezes nos reafirmado que esse chamado choque humano ante o inesperado da desencarnação de reflexo tipicamente material, não tem nenhum sentido no plano espiritual; existe, porém, um tipo de morte temível por aquêles que já se fizeram rumo aos Altos Planos da Vida Maior. É a morte da consciência; criaturas há que se enrijecem no orgulho, se mumificam na vaidade, se cristalizam no egoísmo e se põem deitadas em sarcófagos amoedados que mais cedo ou mais tarde o tempo desfaz. E, — coisa paradoxal —, ninguém lhes chora essa espécie de morte. O que se quer comumente, e este é o desejo das mentes concretas que vivem na aba exterior da vida, é que os seus parentes, amigos e conhecidos, embora enfermiços, e presos aos mais torturantes processos patológicos, permaneçam ao seu lado, egoisticamente retendo-os porque ainda ignoram, insensíveis, que a vida é uma contínua desmaterialização de formas, rumo a um centro conceptual que está no Infinito.

RECADO DE COLABORADOR^(*)

“Meu caro irmão Leopoldo Machado:

Numa palavra: sou seu amigo e companheiro de labor, tendo trabalhado junto de você na organização de seu TEATRO ESPIRITUALISTA. Deus o proteja. Para identificarme, direi que desencarnei na cidade de S. Vicente, em São Paulo, no dia 24 de julho de 1907. Tive aí um destino bastante infeliz. Era escrivão do juiz de paz, e fora de minhas atividades do trabalho diário, era amador da arte dramática. Deus o proteja e abençoe. Ainda haveremos de realizar muito com Jesus e por Jesus.

VIRIATO DE MESQUITA BASTOS.”

No caso presente, não apenas o médium Chico Xavier desconhecia o comunicante, quanto o próprio Leopoldo Machado a quem o bilhete fôra dirigido.

Eis as palavras finais de Leopoldo:

“A identificação foi completa.

E vamos por aí afora, trabalhando com Jesus e por Jesus, felizmente”.

(*) Leopoldo Machado, «Graças sobre Graças», com prefácio de Carlos Imbassahy, Edição do Autor, 1952, pág. 132. Leopoldo Machado, renomado poeta e escritor, além de paladino da Seara Espírita, desencarnado em Nova Iguaçu, Est. do Rio.